

Germinal!

Semanario anarquista

Administração: R. Felipe — Redacção: Florentino de Carvalho — Caixa postal, 134 — S. PAULO (Brasil)

ASSINATURA

ASSINATURA

Anual

10\$000

Semestral

6\$000

O triunfo da iniquidade(?)

Os colonos, vencidos, voltaram ao trabalho

O ipopótamo capitalista triunfou mais uma vez sobre a resistência proletária.

Os fazendeiros, cavalheiros distintos e «humanitários», viram com gáudio como os colonos declinaram o seu talante subversivo e retomaram pacificamente o trabalho, trabalho fecundo que produz o rico cereal, fonte de riqueza e de progresso da agricultura, do «bem estar» e «da prosperidade da Nação».

Os senhores «LAVRADORES» estavam no «seu» direito de zelar pela boa marcha dos trabalhos agrícolas, e a justiça estava de sua parte, reconhecida pelos próprios colonos: tanto é assim que voltaram ao trabalho, «arrependidos» de haverem-se rebelado contra os seus beneméritos patrões e protectores, que lhes facilitam pão (pão) e trabalho.

A coalizão de todas as forças da burguesia, envolveu os camponeses grévistas num círculo de ferro.

A represalia dos fazendeiros, a campanha da imprensa, os atropelos e ameaças da policia, o auxilio prestado pelo governo aos patrões, e os conselhos de calma e passividade com que os representantes régios gelaram as energias dos revoltados, foi superior á intelligencia e á força dos vencidos.

Schmit e os acionistas da Companhia Dumont devem estar satisfeitos da sua obra, alardeando, como todos os fazendeiros, de inextinguível liberalidade.

Não houve uma voz de ânimo e de esclarecimento para os colonos, coagidos dentro das fazendas, sob a vista severa dos administradores e dos patrões, ameaçados pelo rebenque dos capangas e os mausers da policia, e muito mais pela simplicidade ingésta desses escravos, submetidos a todos os actos de debilitamento físico, intelectual e moral.

Não houve, nem podia haver, porque nas fazendas é absolutamente prohibida a entrada, a não ser aos patrões, aos colonos que nelas trabalham, e ás autoridades, quando em serviço ou a convite dos mesmos fazendeiros.

A ousadia de penetrar numa fazenda seria pagada com a vida, e para isso, cada fazendeiro tem uma milicia particular.

Encheram-se colonas de jornais para dizer que, se o trabalhador estrangeiro se agitassem na sua terra como se agi-

tam aqui, ha muito tempo teriam sido eliminados e que aqui abusam porque existe uma tolerancia e uma prodigalidade escocivas.

* Pois bem, na despotica Italia, na inquisitorial Espanha e no atrasado Portugal, centenas de delegados das confederações operarias e numerosos propagandistas da emancipação do proletariado, percorreram os campos em todas as direcções, realizando milhares de comícios e conferencias, contribuindo poderosamente para a organização das numerosas sociedades e ajudando os camponeses nos seus movimentos de revanche.

Se alguém tentasse aqui, fazer o mesmo, não andaria quatro passos sem ser-lhe applicada a lei de «Lynch», e igual sorte teria o colono que fize-se tal tentativa.

Quem ler a imprensa mercenaria, em sua maioria ou em grande parte escrita por adventícios, pensará que os burgueses, que tanto maltratam os trabalhadores estrangeiros, guardam todas as suas amabilidades para os filhos desta terra; não saberá que o patriótico governo prende, deporta e massacra trabalhadores brasileiros para defender a exploração e os interesses de empresas italianas, francesas, inglesas, etc., e que protege os selvicolas fusilando-os e tomando posse das suas terras, reduzindo-os depois a escravidão.

Veja-se este botão de amostra, que extrairmos dos jornais do dia 14 do corrente.

«Uma pessoa chegada do Alto Rio Doce informa que alguns fazendeiros daquela localidade, não dispondo de colonos e trabalhadores para as suas roças, obrigam os índios a trabalhar.

Para atrair os indigenas, esses fazendeiros colocam perto das «malocas», varios objectos de quinquilharias; em seguida fornecem cachaga aos indios, prendendo-os quando estes se acham completamente embriagados.

Nas fazendas, os indios são obrigados a trabalhos excessivos e castigados rudemente como nos tempos da escravidão.

A mesma pessoa disse ainda que tanto as quinquilharias como a cachaga são pagas pelo Ministerio da Agricultura, ao qual são apresentadas contas sobre essas despesas».

Não queremos com isto dizer que a burguesia da Europa seja muito humanitaria.

Se nos mencionados países os productores gozam de mais garantias e liberdades é por que o pôvô soube, pela sua força e a sua consciencia, repelir o avance da prepotencia capitalista e fazer respeitar os direitos conquistados.

Aqui é preciso que os colonos

e os trabalhadores se organizem em uma vasta confederação de resistencia, e comecem por conquistar a sua liberdade dentro das fazendas, das fabricas e oficinas, e impôr aos poderes constituídos o respeito aos direitos do cidadão, exercendo a mais perfeita solidariedade e fazendo uma propaganda e educação revolucionaria entre as massas trabalhadoras, capacitando-as para todas as eventualidades da luta contra a burguesia, e para organizar a sociedade de trabalhadores livres, na livre Anarquia.

Seguindo esta orientação, os proletarios, longe de serem vencidos, serão sempre vencedores, porque mais rapidamente se aproximaram da conquista da sua emancipação.

GRACO.

Agitação do proletariado internacional contra o despotismo deste país

O formidável anatema que os povos atiraram sobre a realeza e classe rica do Brasil, o desprezo profundo e a repulsão, sentidos por todo o mundo frente a pérfida, insensível e hipócrita atitude dos burgueses de Santa Cruz, que ouviam com sorriso macabro os protestos de quasi toda a humanidade, indignada contra a inqualificável regime de escravidão de outrora, elevam-se por toda parte, como gráutos da nova libertação, caindo justicieiamente sobre os republicanos e democráticos burgueses da actualidade, os mesmos ou os descendentes dentre os mais acérrimos exterminadores da grei de combatentes pela abolição do passado captivo.

As confederações operarias que apresentaram o «ultimatum» ao ministro brasileiro em Madrid, prepararam-se para levar a efeito a propaganda anti-emigratoria e o boicotage aos productos brasileiros, submetendo o capitalismo e o Estado, a uma ruina economica se teimaram em não obedecer ás imposições dos trabalhadores.

Aqui continuam as manifestações de protesto contra a lei de expulsão de trabalhadores conscientes, de homens livres e inteligentes, que, aqui sobram, porque os pais da patria e as classes imperantes, só querem o progresso das suas ganancias, repelindo todas as fulgurações do pensamento, sulcando com o atropelo, o carcere e a morte, todos os exercicios da liberdade e dos direitos populares. Ainda, no dia 8 do corrente, realizou-se no Largo da Carioca (Rio de Janeiro), um grande comicio de protesto contra a lei da expulsão e contra a arbitrariedade de operarios, por questões sociais.

Neste comicio, como bela resposta a lei de expulsão e a brutalidade dos governos, capangas dos capitalistas, proclamou-se abertamente os grandes ideais da Anarquia, aclamados delirantemente pela multidão.

Os jornais serios, e são serios porque teem grande formato e se publicam diariamente, não se cansam de brandir o seu ariete de exterminio, incitando o governo para que dissolva as organizações operarias, expulsa os trabalhadores que não se deixam roubar sem protesto, procedendo com «a energia que fór preciso, sem hesitações nem fraquezas», para depois exclamar tranquilamente que a paz reina em Varsovia!

A «Gazeta do Povo», diario desta ci-

dade, que lornece estes catóolicos conselhos, ataca os jornalistas que dizem alguma verdade sobre as condições que aniquilam as classes proletarias, e os operarios pertencentes ás organizações de resistencia, afirmando que todos são estrangeiros e, por tanto, não teem o direito de «intervir na vida nacional», de resistir de forma alguma contra a exploração capitalista.

Estes neo-apologistas da civilização capitalista, editores, da *Gazeta* são «punto filipinos» jesuitas, corridos de Cavite e de Manila, pelo bom senso da população indigena, exploradores que, com todo o desembaraço, dizem que não trocam, pela civilização que propágamos, o atraso que lhes permite viver na paz e na prosperidade, não querendo saber o que sabem até os proletarios presos, afim serem conduzidos para o Matto Grosso: que na estrada do Noroeste morrem trabalhadores como moscas, (ao serviço de uma empresa norte-americana).

O jornalismo de alta banca gasta rios de tinta e resmas de papel, para demonstrar que temos uma constituição liberrissima, que garante todos os direitos do cidadão.

Não discutimos isso, porque é perfeitamente inútil: a constituição poderia ser muito mais liberal e haver menos liberdade da que realmente existe.

Não falamos das liberdades da lei, falamos das liberdades de facto, e estas encontram-se na ponta das baiogetas, na prisão e na deportação.

A falta absoluta de liberdade e de direitos revela-se nas proprias lutas politicas, em que os capangas resolvem á faca e a tiro, quais hão de ser os representantes da República.

As democracias estão aqui representadas por oligarquias que resolvem em família, as magnas questões da soberania popular.

E' verdade que, em ocasiões, este jornalismo comete descuidos, publicando segredos que deviam ficar no tinteiro, e pelos quais se pode medir a cultura da população deste país.

A *Platée* publicou recentemente uma estatística do Ministerio da Agricultura, segundo a qual o número total de publicações distribuidas durante o ano foi de 105.229, e comenta:

«E num país onde se lê muito pouco, como o nosso, esse sistema de propaganda deve dar resultados magnificos... inclusivamente boa saída ao papel e á tinta.»

Emquanto os «puntos filipinos», os jornalistas, os burgueses e os governantes, oprime, exploram e causam o atraso e a ruina do país, os trabalhadores anatematizam os protervos, e agem, impondo aos potentados o respeito pelas liberdades, e proclamam os ideais da Anarquia, iniciando com a força, com a intelligencia e com a acção comum uma nova era de verdadeira cultura e de reivindicação.

Florentino de Carvalho

Grève de colonos em Cravinhos

Declararam-se em grève os colonos da fazenda de Buenopolis, colonia Olaria no Municipio de Cravinhos. Reclamam que as medidas sejam somente de 50 litros.

No próximo número publicaremos mais informações a proposito deste movimento.

Escravidão Moderna

Regulamento do trafico de escravos, para o Estado de São Paulo.

Art. 82 — Cumprido o control (contados como carneiros) e recebido as respectivas bagagens o diretor da Hospedaria atestará a exactidão da entrega dos emigrantes e das suas bagagens, mencionando as faltas constatadas, entregando o atestado ao representante dos introdutores (para que receba do governo a importância da venda dos escravos caçados na Europa).

Art. 43 — O governo, quando julgar conveniente para fomentar a emigração (a trata de brancos) concederá subvenções ás companhias de navegação que facilitem bilhetes de atração, de passagem a preços reduzidos: aos emigrantes que se dirigirem a este Estado e desembarquem no porto de Santos.

Art. 72 — O governo poderá emitir, mediante accordo com as companhias de navegação, bonos para bilhetes de chamada de imigrantes para os trabalhos (mortíferos) agrícolas assalariados, (que em vez de salario receberão vexames e violencias) ou para núcleos coloniais (peiores do que as fazendas) em conformidade com as disposições do presente regulamento.

Art. 8 — A's empresas de (expolição) agrícolas ou de colonização como tambem as particulares que introduzem a sua espensa neste Estado, emigrantes aptos para o trabalho agrícola, seja como assalariados, ou como concessionarios de lotes coloniais, poderá o governo restituir em parte ou em total, a importancia dispendida na aquisição de (escravos) bilhetes de passagem de 3.ª classe, desde o porto de embarque a Santos, sempre que sejam observadas as disposições do presente regulamento.

Quer dizer que se antes de 13 de Maio de 1888 os fazendeiros tinham que comprar á sua custa, os escravos que precisassem para o serviço da sua lavoura, ou trabalho da sua empresa, hoje adquirem gratuitamente o rebanho humano, para toda classe de trabalho.

Já e progresso.

CONCLUSÃO

Pro Joubert

A agitação realizada em prol da liberdade de Joubert e Anta, que teve um grandioso successo no colmicio levado a efeito na capital-Federal e como consequencia a soltura do companheiro Anta, não pode dar-se por terminada.

Joubert encontra-se ainda nas grades da prisão e incomunicado. Nada importa que a sua prisão seja legal, posto que a lei é contra a justiça.

Se acaso fosse justiça o advogado que o processou e os juizes que o condenaram é que deviam estar na cadeia, um por ser explorador, que vive de patranhas, e os outros por condenarem a victima do sistema que todos eles defendem.

A acção directa foi eloquentemente demonstrada como superior á acção legal, nos mencionados comícios, e a ela se deve a liberdade de Anta.

Empregue-se a todo transe, essa acção eficaz, não parando enquanto Joubert não fór arrancado das mãos dos seus algozes.



Em 094

Em torno do direito de vida e morte

O juri e os jurados

O espirito liberal das leis modernas se traduz em fórmulas de acomodações das quais o caracter provisorio, além de dificultar a necessidade da evolução, implica sempre num retrocesso inaceitável sob qualquer ponto de vista em que se considere.

O nosso liberalismo é paleontológico, ou, pelo menos, a sua tendencia é para a fossilização. Quasi que não mais se o compreende; quasi que é um contrassenso, se não se traduz mais claramente por absurdo.

O espirito liberal dos homens e das suas instituições é, em última análise, negativo, porque, se alarga os limites das conquistas sociais, se eleva cada vez mais longe as muralhas da China, fa-las cada vez mais altas, mais difíceis de acesso e de demolição.

Não passarei em revista documental os diversos institutos do saber, ou do poder humano, porque isso não está nos limites do meu tempo, da minha capacidade. Contento-me com a justiça, suas leis, seus membros, sua acção. E assim mesmo o farei resumidamente em torno do direito á vida e á morte. É um caso humano, individual, que cada um poderá personalizar para melhor sentir.

Antes de tudo, devo chamar a atenção para esse caso de incompetencia moral: «os homens julgados pelos homens» — questão muito vasta, que ficará para os que amam as retaliações, e que procurarei resumir.

Eu cometo um crime, isto é, eu violo uma convenção ou eu trago prejuizo e dano a alguém ou a muitos.

Quem me julgará? eu mesmo? Si eu proprio, me absolvo, isto é: concluo que só não fiz nenhum crime, como até fiz um beneficio a mim mesmo.

Julgar-me ha um outro homem? Por que? É ele o prejudicado? Mas ai desaparece o sentimento da justiça para surgir o interesse. Se ele não é o prejudicado, é um estranho ao facto e não pode julgar, por isso que o faria por dois principios: ou substituindo-se a mim — e a sua conclusão seria a minha (innocencia) ou substituindo-se á victima, e seria o caso de transformar a parte em juiz (absurdo).

Ainda o caso de outrem julgar do meu delicto, não mais em virtude de uma justiça pessoal, mas por força da convenção que eu violo. A convenção é ainda um caso remoto da parcialidade; foi feita por mim e pelo meu juiz, limitou ou ampliou o nosso interesse, acatou ou violou a esfera da nossa actividade social e humana. Violando a convenção, fi-lo pelo meu poder, pela minha liberdade, a mesma liberdade invocada para sancional-a.

Se em aceitar a convenção, abdiquei da minha liberdade, estabeleci a violencia, e sob a pressão da violencia o meu delicto obedeceu á legítima defeza.

O meu julgador está em caso absolutamente identico ao meu, e, se invoca a violencia da convenção para me sentenciar, exerce uma dupla violencia. Mais ainda; apoiado na convenção, o juiz faz apelo ao seu interesse ou á sua escravidão; interessa do eu manter a convenção, não saberá ser justo; escravizado a ela, não poderá fazer justiça.

Quem me fará então justiça? Será necessario busca-lo fóra da humanidade? Poderá haver quem reúna em si poderes sobre humanos capazes de preparar uma justiça ideal?

Mas uma justiça fóra da terra e fóra do homem não seria justiça, não seria mesmo nem outra cousa análoga que pudessemos definir e compreender.

Entretanto, a impossibilidade de fazer uma justiça singular atenua-se, fazendo-se a plural. Não mais um só juiz, muitos juizes. Havia o caso da humanidade ou o caso da divergencia.

Unâimes que fossem em condenar-me, far-me-iam uma violencia, um acto de força tanto mais inaceitável quanto mais irresponsável.

Unâimes em me absolver, violariam a convenção em nome da qual me julgarão; caso ligeiramente pessoal em que se supõe que cada um dos juizes, colocado na minha situação anterior, seria delinqüente. E isso é inaceitável pela parcialidade em que incide.

Dá-se, porém, o caso de divergencia ou possibilidade de divergencia; o recurso é a eleição de um juiz dos juizes, e este estaria na situação singular e pessoal que estudei a principio — parcialidade, interesse.

Como se vê, a justiça é mais difícil do que se pensa, se não é absurda ou impossível.

O juri é uma instituição do liberalismo social que não discute essa cousa. Resiste ele a uma análise menos filosofica e mais social e mais pratica?

A sua origem historica é mais antiga

que o mais antigo dos codigos politicos que o sancionaram.

Esses códigos, pesando sobre a consciencia humana, estão fundados socialmente sobre principios evolutivos que não comportam mais paradas em nenhum destino da moral ou dos costumes humanos. Fundados sobre conquistas recentes (abstrao o número de anos) eles consagram em certos pontos as velhas, as velhissimas concepções romanas sobre justiça e direito, e as aplicam á instituição do juri.

Temos assim para o juri tres fundamentos extemporaneos, contraditórios e inarmônicos.

Orgem: — «O liberalismo inglês».

Fundamento: — «Estatutos politicos da Revolução Francesa».

Doutrina: — «O direito Romano».

Espanta-me saber em como a sociedade burguesa ainda lhe adiciona o espirito canônico e as sombras teologicas e metafísicas, sem achar nada mais perfeito socialmente, como contradição e como absurdo.

Mas a organização pratica do juri no nosso país é assombrosamente ridicula, além do que lhe compete como imensamente odiosa.

Um juiz de direito que não julga do facto.

Sete juizes de facto que não julgam do direito;

Um acusado cheio de direito e de factos;

Um acusador que nada tem absolutamente com o direito nem com o facto;

Um defensor que sistematicamente falsifica os factos e os direitos.

É um apelo solene, abertamente estúpido, gloriosamente irresponsável. E, nem pela irresponsabilidade pessoal de toda essa gente, se supõe que o crime paire na serena região dos principios; não: é crassa, vulgar, despresivelmente ignára.

DIERRE EFFE.

Autopsia da Anarquia

O illustre professor Alfredo de Paiva, um pobre recagado pelo ministério politico, para melhor occasião, á causa de ser desequilibrado em demasia, fez, ha poucos dias, com o bisturi da sua critica, a autopsia da Anarquia, colhendo os melhores dados por intermedio da «Avaz», que é a melhor agencia de informações, e lendo o numero especial desta folha, publicado no dia 1º de Maio, onde encontrou «súmula dos redentores» do mundo pela bomba de dinamite, pelo punhal, pelo odio, pelo sangue que ha de ser derramado em torrentes caudalosas.

Não vamos a retratar nos porque não somos fotografos, e continuamos a afirmar que a sociedade da violencia não pode ser destruida sem a violencia, mas admiramos a pericia do Alfredo, o qual encontrou no nosso numero especial não sabemos quantas bombas e punhais, sendo que nós, apesar de terem passado por nossas mãos os originaes e as provas, só encontramos argumentos, ideias, papel e tinta.

A autopsia da Anarquia por esse veterinario é uma autopsia que os proprios burgueses reputam catastrófica. As suas numerosas produções foram impressas e collocadas nas bibliotecas, para que os ratos e as baratas se alimentem com fartura.

Deixemos, sem cuidado, que o Alfredo continue na sua ardua tarefa de combater extravagantemente o anarquismo e fazer as suas autopsias para combater a sua carestia da vida.

Cada um faz o que pode.

POR ISSO...

Porque somos contra toda a sorte de violencias; porque somos contra as injustiças sociais, e porque somos humanos e alimentamos sentimentos de justiça; porque pugnamos pelos direitos do povo sofredor, apontando-lhe a origem dos seus males na má organização da presente sociedade, baseada no despotismo e na exploração do homem pelo homem; porque proclamamos bem alto a verdade, dizendo ao povo que si quer que do seu lar desapareça a miséria, deve emancipar-se da burguesia, por que é ela que... o reduz ao triste estado de penuria em que se encontra, emfim, porque queremos que a humanidade viva em harmonias, sem nutrir entre si o odio de raças e de classes, (resultante da desigualdade) do qual derivam as causas dos conflitos e das guerras entre os povos, sacrificando vidas preciosas em gozo do mais sorridente período da existencia, e cujas vidas são arrancadas pelos homens dos governos, do seio das famílias proletarias, dos campos, das oficinas e do convívio social.

repito, porque somos contra todas estas barbaridades e sonhamos para a humanidade um futuro de felicidades, a burguesia qualifica-nos de agitadores e perturbadores da ordem; quando esgota estes «argumentos» qualifica-nos de bandidos, e quando caímos nas suas mãos encarcera-nos, tortura-nos, assassina-nos e deporta-nos, perpetrando estes crimes perversos á sombra da lei!

No entanto, a nossa ideia é uma ideia sublime, grandiosa e cheia de amor para humanidade.

REFERINO OLIVA.

Comemoração da conquista da jornada de oito horas

Para comemorar a conquista da jornada de 8 horas, o Sindicato Operario de Offícios Varios está organizando uma velada de propaganda.

O Grupo Dramático Libertario Mario Rappazzardi prestará o seu concurso, executando o seguinte programa:

- 1.º — *Primo Maggio*, em italiano, obra social em um acto, de Pedro Gori.
 - 2.º — *La morte di Francesco Ferrer*, em italiano, peça de Gripiola Franchesco, que será, aqui, representada por primeira vez.
 - 3.º — Poesia, monólogos e canto pelo Sr. Silvio Bertuzzi.
 - 4.º — *O Pecado de Simonia*, comedia social em um acto, em português, por Neno Vasco.
 - 5.º — Grande quer-messe familiar.
- Entre o 2.º e o 3.º acto um companheiro fará, em português, uma conferencia sobre o tema: O Sindicalismo revolucionario.

Os dramas da vida

Um pai, em alto mar, atira um filho ás ondas, que o tragam.

A capacidade intellectual dos jornalistas burgueses é tanta, que qualquer facto lhes serve de cavalo de batalha contra a acção libertaria dos trabalhadores.

«O Imparcial», do Rio, e «A Platéia», de S. Paulo, tiveram a habilidade de occuparem-se da triste sorte de um emigrante, como segue:

«O caso succede a bordo do vapor «Ligure», na viagem entre Génova e a America, é característico do estado de espirito de muitos infelizes que se veem forçados a abandonar a patria em busca do pão no estrangeiro.»

Entre o rebanho de emigrantes que transportava o «Ligure», vinha um italiano casado, cheio de familia e com a mulher enferma.

Na altura de Monte Argentario, cercados de precauções para não ser visto, pega um filho de seis anos e, aproximando-se da murada, atira a criança ao mar.

Apesar dos esforços para salvar-se a criança, o oceano tragou-a. Mesmo entre os companheiros, embrutecidos pelos sofrimentos e pela miseria, o crime causou horror. Interrogado pelo comandante, o pai monstro trouse de declarar que matava o filho, por não ter meios de sustentá-lo, e que preferia afoga-lo a vê-lo morrer de fome.

Esta obscura tragedia, destinada a passar despercebida na lufalufada de bordo, mostra o estado de espirito do emigrante, quando se expatria. Acossado na patria pela miseria, ele se aventura a uma terra estranha, onde terá de recommençar a vida em um meio hostil ou que ele supõe se-lo.

Durante a longa travessia, atirado como um animal na promiscuidade da prôa, mal alojado, peor alimentado, em caminho do desconhecido, dão-se no seu espirito luctas íntimas, que muitas vezes terminam o desespero.

Até aqui limitam-se a noticiar o caso, mas, o que mais os interessa é o seguinte comentario:

«Os causadores desse desanimo, os que o implantam sistematicamente na alma dos pobres emigrados, são os seus falsos amigos, os jornalistas cujos serviços são recusados pelos governos estrangeiros, os propagandistas operarios, todos, emfim, que fingindo pela sorte dos emigrantes um falso interesse, lhes pintam a vida do colono no estrangeiro como um inferno, ao qual é preferível a morte.»

Nós, ao contrario, julgava-mos que «os causadores desse desanimo eram a fome, os maus tratos, provenientes do criminoso açambarcamento das terras, dos generos de produção e de consumo, dos monopolios, em uma palavra: da exploração capitalista, que atira o proletariado á morte pela miseria.»

Agora ficamos sabendo que esses jornalistas nos atribuem, em parte, esse desanimo, e ficamos sabendo tambem, de fonte limpa, que os emigrantes são atirados a bordo dos vapores, como animais, na promiscuidade da prôa, mal alojados, peor alimentados, em caminho do desconhecido... Tomem nota os emigrantes.

O momento actual europeu contra o governo do Brasil

A solidariedade internacional dos trabalhadores surge nos países europeus, contra uma lei brutal que atenta contra os invioláveis direitos do homem.

O governo brasileiro, como todos os governos do mundo, porém, mais absolutista e ignorante do que os governos africanos, abriu as portas do país a todos os parasitas expulsos de Portugal, «não sabemos se com a intenção de mandá-los para o interior a trabalhar na colheita do café» ou deixa-os explorar tranquilamente o povo desta nação, onde se recebe com os braços abertos a todos os estrangeiros da finança, que invadem esta terra, na qual tem assento duas classes: uma, escrava, que se deixe explorar docilmente e se submeta sem condição, á vontade de qualquer «animal», colocado á frente de uma instituição de «pachos» sem responsabilidade que se chama «Policia».

Outra, composta de drões «honrados», exploradores de jovens, e assassinos de «Idalinas».

Quando as massas populares, tomando parte nas lutas sociais; quando a classe trabalhadora começa a preocupar-se de si mesma, da sua liberdade e do mal estar que constantemente sofre; quando os assalariados, formando parte das entidades operarias, consultaram os grandes pensadores das ideias modernas e adquiriram uma capacidade revolucionaria, suficiente para arrasar o carcomido edificio capitalista, a classe burguesa, em defesa dos seus interesses, desenvolveu uma acção sistematica para absorver as energias dos trabalhadores em proveito do seu dominio, e, enquanto os assalariados não empregaram sólidas armas contra o capitalismo, não puderam vencer nas contendas iniciadas em prol de um mundo melhor.

As necessidades dessa luta á morte contra a exploração provocaram a organização da «Internacional dos trabalhadores» a fim de facilitar a mútua solidariedade, que, vencendo fronteiras extinguisse as mentiras patrióticas, e os proletarios, unidos como irmãos de sofrimento, abraçaram fraternalmente a bandeira das suas reivindicações.

Posta em pratica esta solidariedade, arma que ainda muitos trabalhadores desconhecem, ignorando a sua eficacia nos movimentos economicos e sociais bem orientados, a burguesia tremeu porque sabe que está proximo o momento em que ha de naufragar nos rios de sangue que fez derramar, durante os seculos do seu dominio.

Muitos movimentos internacionais foram realizados pelos trabalhadores organizados, e se não foram todos victoriosos é porque uma parte dos militantes que tiveram medo daqueles movimentos populares, não souberam orientá-los, para dar-lhes a potencialidade que necessitam as revoltas reivindicadoras.

Apesar de muitos aparentes revêses, temos a lembrar brilhantes triunfos do proletariado universal: talam em seu favor Chicago, com os tres companheiros que foram condenados a trabalhos forçados e mais tarde foram postos em liberdade. Montjuich, onde o protesto internacional de 1898 evitou a consumação de muitos outros martirios, como os que haviam sido executados quando o caso da bomba policial da «calle Cambios Nuevos»; Gorki condenado a morte, por ocasião da revolução russa, e libertado sob a pressão dos povos civilizados; Durand salvado da guilhotina e posto em liberdade; Ettore e Giovannetti livrados da cadeira eléctrica...

Perante estes movimentos a burguesia recuou, e tambem ha de recuar o capitalismo do Brasil, o qual decreta leis bárbaras, como a de expulsão, porque ainda desconhece a acção diplomática que a burguesia europeia desenvolve para reprimir os movimentos operarios. É essa a causa do seu temôr nestes momentos em que a intelligencia do proletariado, unida a orientação solidaria dos movimentos internacionais, ameaça aplicar o boicote aos productos deste país exigindo do chanceler brasileiro em Madrid, uma resposta categorica.

Este diplomata humilhou-se perante a acção directa dos trabalhadores e respondeu que comunicaria ao seu governo a reclamação das Confederações Gerais do Trabalho.

A nós, os trabalhadores, deve causar-nos alegria a provavel desatenção do tirânico governo do Brasil aos trabalhadores da Europa, po, que chegaremos a presenciar, um dos maiores movimentos sociais do proletariado universal.

Santos, Abril 1913

A. Cuenca

AOS CAMARADAS

Entendemos inutil demonstrar a necessidade de criar, desenvolver e difundir a imprensa libertaria, em opposição á imprensa comercial, ou burguesa, que af está envenenando os sentimentos populares, ocul-

tando todas as infamias e calunhando, insultando e ameaçando aos que se atrevem a levantar a voz ou escrever uma linha denunciando publicamente os atropellos e selvagerias que contra as classes pobres tomaram caracter de permanencia neste país.

A ninguém deve escapar o convencimento da necessidade de criar e sustentar orgãos de propaganda doutrinaria e educativa, vulgarizadores das ideias libertarias.

Infelizmente carecemos de uma imprensa que, pela sua difusão, possa chamar a atenção popular, e os grandes rotativos podem dizer diariamente tudo quanto lhes convém contra as organizações operarias, contra os movimentos proletarios, contra o anarquismo e os anarquistas, sem temôr de serem desmentidos, por que não contamos com elementos para levar ao conhecimento do povo as luzes da verdade e de uma cultura racional.

Actualmente editamos um jornal com dois titulos, o que é um tanto irrisorio, e com duas páginas de leitura em italiano e duas em portuguez.

É natural e necessario fazer a maior propaganda em portuguez, mas tambem é conveniente publicar alguma cousa em italiano, porque, principalmente no interior deste Estado, ha muitos trabalhadores que somente compreendem o idioma de Dante.

Eis porque temos feito o jornal em dois idiomas. A experiencia como boa mestra, veio demonstrar-nos que esta forma é impraticavel e não satisfaz a ninguém.

Não é possível coordenar o material nem desenvolver, em um idioma ou em outro, os trabalhos de informação, de critica, de doutrina e de combate.

As lacunas são notáveis, e a isso podemos atribuir a causa primordial de não ter esta folha alcançado maior sucesso, mesmo entre os camaradas.

Em conclusão, isto a bem da propaganda, não deve continuar.

O mais acertado seria publicar quatro páginas do «Germinal», com um suplemento de duas páginas em italiano.

Esta é nossa ideia.

Como o jornal pertence a todos os anarquistas a eles incumbe tratar o assunto.

Apelamos para os camaradas das diversas localidades do país, afim de que se reúnam e, por intermedio do grupo Germinal, de outro qualquer, ou pelas colunas desta folha, se comuniquem as resoluções e iniciativas que tomem, para realizar uma obra comum, que salve as deficiencias indicadas.

Esperamos que os camaradas respondam a esta apelo.

A Redacção.

PROEZAS de um antropopiteco da medicina

EM SANTA RITA

Escrevo estas linhas para fazer publico um facto, o mais bárbaro, desumano e infame do que a imprensa tenha dado noticia.

Tendo se retirado, por algum tempo, o medico desta localidade, deixou em seu lugar um tipo já célebre em actos que ponco o recomendam.

Sngulto soberbo, de temperamento irascivel, é abilitado para conquistar o odio e a repugnancia de todos os que o conhecem.

É o caso que uma familia de uns pobres velhos tiveram a desgraça de vêr adoeecer gravemente um seu filho, ao qual trataram de ceacar com todos os cuidados, para restituir-lhe a saúde.

Primeiramente, como não tivessem com que pagar a visita médica, correram á farmacia em procura de um medicamento para o seu filho. Mas a enfermidade do pequeno tornou-se alarmante, e o desditoso pai, á muito custo conseguiu reunir o necessario para a visita, e chamou imediatamente o medico, para que, com a sua sciencia, se possível fosse, salvasse a vida do enfermo.

A este chamado, o facultativo respondeu textualmente: — *estou incomodado, não posso.*

O pobre pai insistiu, entre lágrimas e soluços: — Dr., em moro aqui perto, a vinte metros do estancião; peço-lhe que venha a visitar o meu filho; está muito mal.

— More onde quiser; eu daqui não saio por dinheiro algum — respondeu o doutor.

No dia seguinte, um dia de supplicio para o infeliz pai, que via o seu filho morrer sem poder prestar-lhe os socorros médicos, a causa da estúpida negativa do nababesco bruto diplomado em medicina, passou-se ainda uma semana mais pungente: passava este mostro em frente da casa onde agonizava o menino, quando o pai tornou a supplicar-lhe: — Dr. tenha a bondade assistir um momento este menino; está quasi a morte, e sem assistência.

O medico, de coração brando como um rochedo, indifferente aos mais crueis sofrimentos daquela pobre familia, escolheu os ombros, continuou a andar sem lury a minima importancia aos clamores que lhe dirigiam, deixando propositalmente que a morte ceifasse mais uma preciosa vida.

Com isso atestava, mais uma vez, que a medicina é para os argentinos; os trabalhadores não tem, ao menos, o direito de serem assistidos por um enrandeiro.

A última hora soube o nome deste tipo sem sentimento e sem dignidade: chama-se Decoleciano Alves de Oliveira.

O motivo pelo qual se negou a fazer a visita foi que o pai do enfermo recorreu antes á farmacia, porque não possuia os 30\$000 que o dr. exigia por cada visita.

Santa Rita, 16-4-1913.

NICOLA PERIZIANI.

La Barricata

PERIODICO ANARCHICO

La sconfitta dei coloni

I coloni della zona di Ribeirão Preto stanchi di lottare come il fu conte Ugolino negli ultimi giorni della sua vita, e per paura di perdere il salario di un'intera annata di duro lavoro, si sono arresi a discrezione ai potentissimi fazendeiros.

I fazendeiros possono essere contenti quanto vogliono, ma il terribile problema della grama vita dei coloni sussiste sempre minaccioso in tutta la sua ampiezza.

Infatti la vittoria dei fazendeiros è tutt'altro che gloriosa: sulla sconfitta dei paria delle fazendas si stende il disonore per tutti noi, senza esclusioni di classi e di principii, per tutte le varie genti che formano l'entità brasiliana.

Il problema colonico, il problema cioè del popolamento di questo vasto paese, rappresenta anche la messa in valore di tutte le sue grandissime risorse, e gli urli «nativisti» se possono per uno spazio di tempo ricoprire la voce della ragione e della giustizia, e opporre un grave ostacolo al progresso, non possono essere la soluzione di questo stesso problema, e la ragione e la giustizia, prima o poi, dovranno trionfare.

Intanto lo spettacolo al quale abbiamo in questi giorni assistito è tutt'altro che bello; e la sua tetra soluzione ci ha rivelato una grave mancanza nell'anima brasiliana: la mancanza di un vero e proprio fattore sentimentale idealistico.

La natura umana non è — né lo potrebbe essere senza andare incontro alla sua fine — un complesso di necessità materiali, al servizio delle quali tutte le forze e tutti gli istinti degli individui e delle classi operano e lottano in senso egoisticamente necessario: il fattore sentimentale, insito nella natura umana e ad essa peculiare, ha avuto una parte preponderante nella storia di tutte le epoche e di tutte le civiltà.

Nell'Africa dove le genti vivono quasi esclusivamente per servire i loro propri bisogni materiali la vita vi è rimasta quasi uguale al suo inizio, ferma nell'animalità, e le arti e le scienze, al pari di tutte le altre numerose elevate manifestazioni della vita psichica, vi sono del tutto sconosciute.

Il fazendeiro ha dinanzi ai paria della terra un concetto (non per la sua, s'intende) africano della vita: il mulo ed il colono sono per esso due esseri uguali e che per ciò meritano una identica considerazione.

E di più ancora. Se un mulo salta la siepe e piglia sfrenatamente la via dei pascoli liberi, si mandano subito i «camaradas» alla sua ricerca, i quali, quando l'hanno afferrato lo portano —

con tutti i dovuti riguardi perché le bestie a quattro zampe costano denaro — nel suo pascolo senza pensare a dargli, per paura di rovinarlo, una correzione a base di legnate. Ma se fugge il colono? La cosa allora cambia completamente d'aspetto: i «camaradas» montano in sella armati per vedere di agguantare il fuggitivo, specialmodo se esso ha tentato di disertare la fazenda in tempi in cui i lavori campestri urgono, oppure se esso ha lasciato, come spesso avviene, un debito verso il fazendeiro, perché il lavoro del colono è così mal retribuito che molte volte il suo guadagno è insufficiente a far campare la famiglia e di fagioli e di polenta, allora la cosa cambia davvero perché i «camaradas» sanno per pratica che se sul mercato del bestiame da lavoro un mulo ha un valore monetario il colono non vi è quotato nulla, e non è raro che contro di esso vengono consumate le più vigliacche violenze.

E non si gridi all'esagerazione: che queste cose son vere tutti lo sentono, ma la maggior parte non possono far a meno di negarlo, al pari dei fazendeiros e della loro benemerita polizia, perché sentono che queste verità li colpiscono come un disonore.

Infatti quali sono state le preoccupazioni umane — idealistiche e sentimentali — delle classi dirigenti brasiliane in considerazione all'essenza umana dei lavoratori agricoli?

Voi potete indagare in tutta la vita sociale della nazione, dal decreto del 13 di maggio 1888, col quale l'impero aboliva la schiavitù dei negri, fino ad oggi e voi vedrete che nulla è stato fatto in questo senso, e che i coloni sono stati e rimangono tagliati fuori da tutte le leggi della civiltà.

Questa mancanza di sentimentalismo nelle classi dirigenti, se oggi è una vergogna che disonora tutte le classi sociali che formano la nazione, gli stranieri compresi, è destinata a recar ben maggiori danni nel futuro a tutta la società. Non è difficile dimostrarlo. I coloni — siano pur oriundi delle più misere regioni dell'Italia, della Spagna e del Portogallo — godevano nei loro paesi d'origine di non pochi e importanti portati della civiltà, a cui nelle «fazendas» han dovuto rinunciare, e che gli verrebbero violentemente negati, come delle assurde pretese rivoluzionarie, se ne pretendessero in questo paese il godimento. Infatti, non c'è villaggio d'Europa, per misero che sia, che non abbia oggi il suo medico condotto e la sua scuola primaria l'uno e l'altra pagati dal Comune. In «fazenda» manca il medico e il maestro elementare. Vi si crepa senza assistenza nella maggior parte dei casi, vi si nasce

come le bestie e vi si vive allo stesso livello morale ed intellettuale delle bestie.

Ma proseguiamo impassibilmente, senza fremiti né rancori, nell'esame di questa verità, per vedere se anche qualche reale beneficio materiale può compensare il colono della perdita di tutta la sua essenza superiormente umana.

Il colono, dicono gli apologeti della «fazenda», ha migliorate in questo paese le sue condizioni economiche, e ve ne sono parecchi che hanno accumulato del danaro. A parte che l'eccezione non infranga la regola, e che non soltanto in Brasile, ma in tutto il mondo, in mezzo a venti tribolati ve n'è sempre uno privo di scrupoli che riesce a conquistare una posizione, in paragone a quella degli altri, privilegiata, vogliamo anche ammettere per un istante — soltanto per un istante perché per la «generalità» il fatto non si verifica — che qui la generalità dei coloni abbiano migliorate le loro condizioni economiche in paragone di quelle a cui erano soggetti nei loro paesi d'origine. E che per ciò? Una fetta di pane di più data ad una classe di lavoratori può giustificare i loro padroni di relegarli sotto il livello morale della loro nascita, della loro storia di conquiste civili? Nessun uomo di senso può pensare una tal cosa. Perché voi stessi, signori delle classi dirigenti, pagate volentieri più cara una poltrona o un palco al teatro, d'un pranzo alla trattoria? Oh, perché credete tanto degno il vostro spirito di nutrimento adeguato del vostro stomaco! Ed avete ragione.

I coloni pure hanno ragione di voler star meglio: ricoprirgli di disprezzo quando vi chiedono di valutare più umanamente la loro vita, e soffocare con la violenza le loro aspirazioni di giustizia, non è soltanto una vergogna per tutti, ma questa iniqua soluzione prepara dei mali incalcolabili per l'avvenire del paese.

I figli dei lavoratori — ed i lavoratori sono la maggioranza, e il livello morale della maggioranza stabilisce la civiltà d'una nazione — crescono su in condizioni morali e intellettuali inferiori a quelle dei loro padroni. I coloni che sanno leggere e scrivere non mancano: i figli dei coloni sono nella loro generalità analfabeti, intellettualmente, una gran parte di essi sono dei deficienti, un'altra parte rasentano l'idiotismo.

In Europa qual'è il contadino che non è andato alcune volte al teatro che non abbia letto qualche libro, o che non legga un giornale? Qui hanno dovuto rinunciare a tutto: al medico, alla scuola, al teatro, al libro, al giornale.

Un pezzo di più di pane, tutti lo sentiamo, non può compensare i coloni di aver rinunciato a tutti i portati della civiltà.

Fra un quarto di secolo, quando i centri industriali del paese saranno sviluppati, vi sarà tutto il proletariato agricolo analfabeta,

ridotto alla più squallida bestialità, che fermerà il corso della civiltà ed in pieno XX secolo noi assisteremo allo spettacolo di lotte medioevali di una nazione condannata a dibattersi, impossibilitata a progredire, sotto il peso delle sue vergogne, per non aver saputo, quando la voce dell'umanità calpesta chiedeva giustizia pei suoi figli migliori, trovare nella sua natura sentimentale quella necessaria solidarietà umana, senza la quale il presente non può aprire vie più larghe al progresso e alla civiltà dell'avvenire.

ACRATIBIS

NAZIONALISMO E PARASSITISMO

Amare il proprio paese è una cosa, amare i ladri del proprio paese ne è un'altra completamente opposta. Le nazioni generalmente sono buone in ragione inversa dei parassiti, o ladri che dir si voglia, che le abitano.

Io sono nato in Italia ma odio e disprezzo cordialmente tutti gli italiani che esercitano la lucrosa professione di derubare me e gli altri; viceversa poi io stimo e rispetto il tedesco, il cinese, il turco, l'uomo ovunque sia nato, che vive del suo lavoro, e di conseguenza non deruba né me né gli altri. Io mi sento unicamente connazionale di tutti coloro che non vivono alle spalle del prossimo, qualunque sia il loro paese di nascita.

L'uomo dev'essere valutato secondo il bene e il male che fa a noi ed ai nostri simili.

La sociabilità include il reciproco rispetto fra tutti i componenti una comunità di uomini: la solidarietà effettiva fra i simili può soltanto dare il valore positivo e morale, cioè di reciproca utilità al consorzio sociale. Se questa condizione manca non esiste più equilibrio fra gli uni e gli altri; cosicché le condizioni si confondono, una parte dei componenti il consorzio umano stabiliscono a proprio vantaggio dei privilegi, in virtù dei quali si esimono da un certo numero di obblighi sociali, e questi obblighi naturalmente ricadono sulle spalle dell'altra parte che è costretta ad assumere il mantenimento dei membri privilegiati.

E quanto accade su per giù in tutte le nazioni. Il nazionalismo, naturalmente, dovuto a questo fatto è un non senso. Il lavoratore non può sentir solidarietà per il parassita che lo spoglia, e vane sono tutte le ciarle con le quali i burli pretendono dimostrare che tutti gli uomini nati in uno stesso paese, prescindendo dalle loro condizioni di classe, debbono amare il loro paese di un amore ugualmente intenso.

Anche questa pretesa è un non senso evidente: sarebbe lo stesso che pretendere da un galeotto che egli amasse la galera con lo stesso amore che la ama il fornitore che arricchisce sfruttando la grama vita dei carcerati. Per il galeotto la galera è un luogo di tortura; per il fornitore è il paese della cuccagna.

Così è della patria: i parassiti che la possiedono e vi vivono in delizia sfruttando il prossimo, non possono far a meno di amarla intensamente; i lavoratori che in questa stessa patria subiscono tutte le umiliazioni, tutte le servitù, tutte le miserie non possono far a meno di odiarla intensamente.

Il nazionalismo, come lo provano con le loro rapine i parassiti privilegiati, è per i lavoratori una burla.

Ma la burla non esclude affatto che vi siano degli sciocchi, dei poveri di spirito, e questa legione è composta di tutti quei disgraziati che amando la patria dei loro padroni, si sacrificano per ribadire, col più evidente dei pregiudizi, la loro inferiorità sociale.

Non bisogna entusiasinarsi per le

frutta destinate ad essere esclusivamente mangiate dagli altri.

Prima di lodare il sapore di un frutto è d'uopo mangiarlo.

Da queste norme di vera saggezza scaturisce una grande verità: se l'equo compenso, il compenso non corrisponde alla fatica, questa fatica è maledetta e come tale dev'essere sfuggita.

Il parassita che vanta al lavoratore che dissangua l'amore per la patria comune è un lesto burlone.

Se vi fosse la possibilità di prendere questo strano burlone per poi costringerlo a mantenere con le sue fatiche l'operaio al quale innanzi, quando lo sfruttava vantava, la necessità dell'amor alla patria comune, vedreste come egli farebbe presto a gridare all'infamia, ed a convincersi sul serio che pur essendo nati in uno stesso paese gli amori del derubato non possono mai logicamente essere gli amori del ladro.

Il nazionalismo che vuole accomunare in una stessa vampa di amore il gaudente fannullone col misero galeotto del lavoro, non può essere una esplosione di cretinismo, per parte delle vittime, defnata in epoca più o meno lontana, quando cioè la ragione prenderà il sopravvento sulla più colossale delle aberrazioni mentali che abbia mai acceso di amore i torturati allo strumento del supplizio, a scomparire.

Allora gli uomini non si entusiasmeranno più per far stare allegri i parassiti che li spogliano, ma lotteranno per abolire il parassitismo.

La patria così potrà essere amata da tutti, perché per il lavoro di tutti avrà frutti, amore e gioia.

ANNA DE' GIGLI

Ad un nottolone

L'illustre inchiostro delle *Tenebre* (in brasiliano *A Noite*) ha trovato anch'egli modo di far palanche difendendo quelle anime ben nate di fazendeiros che per ridurre i coloni scioperanti alle loro brame non hanno vacillato di ridurli alla fame facendo chiudere i magazzini di commestibili.

Anche questo è un modo come un altro di far palanche. E' un mezzo sudicio, infame certamente, ma se si considerano bene le cose si deve per forza anche riconoscere che mezzi puliti ed onorevoli per far soldi non ne esistono. Passeremo dunque sulla cosa benevolmente considerando che il pennivendolo in questione vuol far soldi con quei metodi che più si confanno alla sua natura animale, ricoprendolo del cristiano manto, per lui così benevolo, di tutte le grandi indulgenze.

Questo illustre pennivendolo di tutte le cause scellerate ha giurato fin dalla sua infanzia di non dire mai la verità, e non ha mai smentito il suo giuramento; è un uomo tutto d'un pezzo e morrà — non c'è da dubitare — vomitando menzogne. E' un buon cristiano e il sommo Iddio è misericordioso con i furfanti.

Però l'illustre pennivendolo con noi non ha saputo mentire con sapienza. Egli conferma che l'arcimilionario fazendeiro Schmidt ha tolto i viveri ai suoi coloni per farli arrendere per fame, e per questo atto *energico* lo loda, essendo, per esso pennivendolo, il fatto di far morire di fame il prossimo, un atto di vera e incommensurabile giustizia umana.

Ma qui casca l'asino del nostro nottolone: ai coloni — lo riconosce! — sono stati tagliati i viveri, e questi poveri affamati ci mandano a noi tutto il superfluo della loro fame... per farci passare la vita da nababbi. Povero nottolone! Con tutte le nostre ricchezze messe assieme non potresti nemmeno pigliarci una delle tue consuete sborne.

Ora parliamo un po' dei coloni. Stanno bene, gavazzano nell'abbondanza? E perché non spezzi la penna con la quale disonori la stampa, per afferrare una buona zappa, e vivere col magno salario che il fazendeiro Schmidt, pari a tutti gli altri, destina ai suoi coloni?

I fazendeiro han fatto bene a togliere i viveri ai loro coloni scioperanti? E va bene! Ma hanno pure fatto bene a negare loro i

salari, guadagnati con sudore di sangue, da questi stessi coloni?

In tutto il mondo civile il salario dell'operaio e del contadino è sacro e inviolabile, ma in Brasile è tutto il contrario: il regolamento della fazenda annulla la legge, e così il fazendeiro, in caso di sciopero dei suoi coloni, si nega a pagargli il salario, e così non potendo comprare nei magazzini, dovuto al ritiro della garanzia del fazendeiro, non possono dar da mangiare ai loro piccini col danaro da essi guadagnato con tante pene.

E questa è giustizia? Va alla forza nottolone! Eppoi perchè prendetela con noi? Non ti par che basti che su i 1000 giornali e giornalucoli i «fazendeiros» ne abbiano 997 a loro disposizione?

E non è solo tutta la stampa ben pensante che è agli ordini degli affamatori, contro il diritto del lavoro, contro il diritto umano, ma tutti i bottegai, sono con loro, e con loro è il governo, la polizia, la magistratura, la chiesa.

E tutte queste illustri compagnie, al pari di tutti i tuoi pari, lo sai di che vivono e di cosa è impastata la loro ricchezza? Vivono col sudore dei lavoratori, e la loro ricchezza è impastata di sudore e di sangue proletario.

L'anchilostomiasi — malattia della fame cronica — fa strage nelle fazendas, e non v'è fortuna di fazendeiro che non sia basata su tanti e tanti cadaveri d'innocenti proletari, e se l'arcimilionario Schmidt — quello che ha fatto bene a togliere i viveri ai coloni scioperanti — fosse capace di un sol pensiero umano non tarderebbe molto a vedere che i suoi milioni riposano su un cimitero di schiavi.

Verso l'anarchia

Sonvi dei socialisti collettivisti che, in considerazione delle ragioni da noi adotte, non ammettono distinzione di retribuzione tra vari lavori e lavoratori.

Tizio, l'ingegnere che prepara il disegno della macchina, lavorando cinque ore, riceve dal governo socialista un buono che rappresenta lo stesso valore di quello delle cinque ore fatte da Caio, il quale ha fatto stentatamente il più semplice ingranaggio della macchina stessa. In questo caso la retribuzione viene fatta in ragione delle ore di lavoro, e non è tenuto calcolo della differente capacità d'ogni singolo individuo.

Orbene, supposto che la giornata di lavoro sia di cinque ore, e se Caio non può compiere tutte le cinque ore di lavoro, causa il suo fisico malandato e se, per le stesse ragioni od altre, le cinque ore giornaliere di lavoro non bastassero a soddisfare i suoi bisogni, mentre potrebbe darsi che Tizio ne avesse d'avanzo?

In questo caso Tizio avrà un incentivo a sprecare o ad accumulare, e d'altro lato un Sempronio qualsiasi u'ureggerà con Caio bisognoso, capitalizzerà, ed in barba alla legge che in socialismo abolisce il diritto di successione, i figli di Sempronio erediteranno il capitale da lui accumulato (1).

Non vi par egli già di vedere a fabbricare persino dei falsi buoni di lavoro in collettivismo?

In collettivismo, obbietta qualcuno, i buoni di lavoro verrebbero cambiati ogni anno, ecc. Sta bene. Ma non sarebbe altrettanto facile capitalizzare in oggetti di valore?

Da qualsiasi atto lo si consideri, il collettivismo non risulta basato sulla perfetta solidarietà, e manco a dire, non essendo basato sulla perfetta solidarietà oltre a lasciar sussistere col denaro — buono di lavoro — il germe dell'egoismo e della rivalità, fonti d'ogni male, avrà sempre bisogno di un governo, il quale governo, oltre a soffocare ogni libera iniziativa, per funzionare discretamente, necessiterà di un meccanismo burocratico amministrativo enorme, costosissimo.

Avremmo di più capitale e governo uniti assieme intimamente; il che ci porterebbe al colmo dell'accettazione del dispoitismo.

Comunismo anarchico

Dopo di essersi riverberato in gran quantità di scuole; dopo di essersi affermato universalmente nella Lega Internazionale dei Lavoratori (1864); dopo d'aver gettato, con tale fatto, le basi della fratellanza e della solidarietà fra i diseredati di tutto il mondo; dopo d'aver subito il lavacro purificatore del sangue e del fuoco della Comune Parigina (1871), l'ideale del Socialismo orse più fulgido, dirò anzi, sublimosi nel Comunismo Anarchico.

Fu un progresso immenso quello dell'affermazione del socialismo nel comunismo anarchico; tanto che, ripeto, sotto la bandiera del collettivismo legalitario,

nnica superstite delle vecchie scuole, oggimai fanno a raccolta tutte le forze reazionarie alleate; gli ambiziosi, gli egoisti, i despoti, gli sfruttatori, gli oscurantisti del mondo intero.

Il comunismo anarchico, ultima espressione del progresso morale, sociale, filosofico e scientifico, al governo, sostituisce la libera associazione; alla patria, la fratellanza e solidarietà universale; al contratto matrimoniale, la famiglia anarchica; alle leggi positive, la legge morale naturale; a dio, la scienza.

Dicono i socialisti comunisti anarchici: Abbattuti i presenti governi, abolita la proprietà individuale, proclamata la proprietà comune, la fratellanza, e solidarietà universali, noi ci guarderemo bene dall'eleggere nuovi rappresentanti — deputati — ci guarderemo bene dal formare un nuovo governo. Più nessun rappresentante rivestito del potere autoritario, più nessun governo, in comunismo anarchico. La parola anarchia significa assenza assoluta di governo.

(Continua)

Infamie inaudite

Nella fabbrica Klark impera attualmente un brutto ceffo di inquisitore, da pochi mesi venuto d'Inghilterra, che manda avanti il lavoro schiaffeggiando bambine e bambini lavoratori.

Sentite questa. Nella fabbrica vi lavorava fra i tanti un bambino che abitava in Agua Branca, al quale l'inquisitore voleva imporre il lavoro straordinario fino alle otto di sera; ma il fanciullo — essendo la sua residenza a circa 8 chilometri di distanza dalla fabbrica — quando suonarono le cinque e mezza mise la giubba per andarsene. Non lo avesse mai fatto! L'inquisitore lo afferrò per il collo e lo scaraventò a terra, e non contento di questo lo fece licenziare come vagabondo.

Nella sezione dove impera quest'aguzzino vi esiste la schiavitù. Mi hanno raccontato varie compagnie che vi lavorano, che questo farabutto ha perfino proibito alle ragazze, addette alla rifinitura delle scarpe, di conversare e di ridere.

Fino a quando? O che non vi sarà un padre capace di insegnare a questo tira-corda il modo di trattare umanamente i fanciulli?

E gli operai e le operaie addetti a questa sezione non hanno dignità?

Per parte mia vi do un consiglio: quando quel cosa manca di rispetto a voi ed ai fanciulli, prendete un buon randello e giù botte da orbi.

Gli inquisitori non hanno mai capito che questo linguaggio contudente.

CAVICCHIOLI

"VERGIN CUCCIA delle grazie alunna,"

«La vergine Cuccia» di Rio è stata più valutata dalla sua inclita dama di quella del Parini: ha avuto — sacrificato ai suoi mani — due vittime umane, la mamma e il figlio.

La pia nonché inclita dama Maria Valadão adorava la sua vergine cagnolina. Agli ordini della preziosa bestiolina c'erano due creature umane: la serva Maria Theodora ed un suo piccino di quattro anni.

L'altro giorno — data fatidica — era il tredici di maggio, anniversario della abolizione della schiavitù nel Brasile. La data non poteva passare inosservata, senza solennità, non per la serva e il bimbo, ma per la pia dama e la sua «vergin Cuccia». Il prim'ordine della solennità, l'inclita dama, lo detto, com'è consueto nelle ricche e nobili famiglie, in favore della cagnolina. Il piccino ebbe l'ordine di dare un bagno caldo alla bestiola. Il bambino preparò l'acqua tiepida, prese la saponetta profumata, abbracciò la bestiola e la tuffò nella tinozza. Però a quattro anni — età in cui si affoga facilmente se stessi per prendere un bagno — è difficile saper far prendere i bagni alle cagnoline aristocratiche; e il piccino che non immaginava un tal pericolo, quando ritirò su la bestiola si accorse che essa aveva spirata l'anima al creatore.

Il subbuglio fu immenso, le stanze echeggiarono i lamenti, i pianti e gli accenti d'ira della pia signora. La serva e il suo piccino ricevettero l'ordine perentorio di abbandonare all'istante il palazzo dove i guaiti della cagnolina adorata non avrebbero più echeggiato.

La sciagurata non andò nella strada «spargendo al passegger inutile lamento»: ma afferrò una rivoltella e per sei volte sparò a bruciapelo sul bimbo delle sue viscere, poi rivoltò l'arma contro se stessa e si sparò un colpo nell'orecchio.

Le due vittime della «vergin Cuccia» sono in fin di vita.

Vergin Cuccia delle grazie alunna l'anima tua è stata lavata dal sangue di due creature umane.

Il tuo ingresso in paradiso non può essere che trionfale.

Sommo Iddio accogli nel tuo seno divino la tua nobil cagnolina.

Il 13 di maggio è una grande menzogna: il mondo dei bottegai, il mondo dei ricchi — il mondo di tutti gli uomini non è ancora — sente più amore per i cani, ed altre simili bestiacce nocive, che per i poveri, dannati a mantenere, a servire e a ripulire l'illustre combriccola dei gaudenti.

MASTR' ANTONIO

Gli schiavisti si confessano

I giornali governativi e polizieschi del paese, quelli che hanno stampato fino alla sazietà, che i «fazendeiros» affamatori di coloni, sono la miglior gente di questo mondo si sono lasciati scappare la seguente confessione:

«Una persona arrivata nella capitale della repubblica, proveniente dall'Alto Rio Doce, ha informato la stampa che «alcuni «fazendeiros» di quella località, «essendo privi di coloni e braccianti per «lavorare le loro terre, costringono gli indii a lavorare.

«Per accalappiare gli indigeni, questi «fazendeiros», collocano vicino alle «locas» (capanne di rami secchi e erba) «vari oggetti di chincaglieria; dopo danno «agli indii della pila, e quando essi sono «completamente ubriachi li accalappiano. «Nelle «fazendas» gli indii sono costretti «ad un lavoro eccessivo e castigati severamente.

«Questa stessa persona ha fra l'altro «anche affermato che le chincaglierie e la «pinga sono pagate dal Ministero di Agricoltura, al quale i «fazendeiros» presentano le note delle loro spese di accalappiamento».

E queste confessioni sapete perchè le fanno i giornali dei fondi segreti, quei giornali paladini della schiavitù incondizionata dei bianchi?

Perchè il governo ha confidato ai laici la catechesi dei selvaggi, invece di darne l'incarico ai preti; che del resto si sono dimostrati più feroci e infami di quegli altri.

Come si vede è semplicemente una questione di gusto; il boia dev'essere prete... per essere assolto da Dio e dagli uomini.

Questo informatore fra l'altro confessa «che quel che attualmente si passa nell'Alto Rio Doce, non è che una seconda «edizione delle scene barbare di cui è «stato teatro il «Rio Doce, tutta la vasta «zona di Baurd dove frequentemente i «posseiros riducono alla schiavitù, nelle «loro terre, i poveri selvaggi, quando non «li amazzano vigliaccamente, nelle cacciate «che per la loro crudeltà si assomigliano «a quelle che avvennero ultimamente nel «Perù e che provocarono la protesta energica della stampa Europea. E dopo, prosegue l'informatore, venite a dirci, quando «è avvenuta una improvvisa incursione di «indii che essi sono le bestie feroci decritte dagli avventurieri spagnuoli del «secolo XVI. Quando essi piombano con «sorpresa sul bianco, mirandolo con le «loro frecce o schiacciandolo con le loro «clava, non fanno altro che vendicare i «loro compagni ridotti nella schiavitù nelle «fazendas sotto la irusta del feitor, e quelli «assassinati nelle macchie a colpi di Comblain».

I «fazendeiros» naturalmente a dispetto di tutto questo e di altro ancora, rimangono pur sempre gli uomini migliori della cristianità.

E' però sintomatico che nemmeno uno dei loro apologeti sia finora andato a godere il paradiso terrestre che con tante strombazzature offrono ai lavoratori della terra.

Le pretese dei poltroni

E l'anarchia verrà? Quando? Come? Così v'interpellano i poltroni, con un sorriso idiota da metter ribrezzo.

Illustri teste di rapa, l'anarchia verrà quando la razza dei poltroni, la sciagurata stirpe degli idioti sarà meno numerosa di quanto non lo sia oggi. Dalle teste sprigionate d'idee non c'è da aspettarsi nulla di buono. Gli imbecilli sperano, pretendono, esigono, ma nulla fanno per raggiungere uno scopo, un fine prestabilito. L'anarchia non si compra né si vende, non si raggiunge con le preghiere, non si conquista con le speranze; è d'uopo conquistarla con la forza, attuarla con l'azione e col lavoro indefesso.

Da tutta la massa di sciagurati che sono attaccati ai loro stracci pidocchiosi più di quanto non siano staccati i milioni ai loro milioni non c'è da aspettarsi nulla di buono.

Da chi vive schiavo e guazza volentieri nel fango non c'è da aspettarsi nessun atto di ribellione contro il privilegio e le iniquità dominanti: Bisogna odiare gli stracci, il sudiciume, i tuguri infetti, la schiavitù per poter sentire l'amore vero alla vita libera, per agire proacamente in pro' di un ideale di benessere sociale.

L'anarchia non potrà avvenire che per

opera di uomini che odiano il sudiciume, la prepotenza, la schiavitù, l'onnipotenza di qualsiasi parassitismo. I miracoli sono una fiaba: non un sol progresso umano è stato raggiunto per opera dei poltroni; i pochi progressi d'ordine sociale sono tutti stati raggiunti per opera di coloro che hanno combattuto e lavorato, sacrificandosi, sfidando la collera e la ferocia dei dominatori del loro tempo.

Per raccogliere bisogna prima bagnare col proprio sudore la terra, poi spargere la semente e lasciar alla natura il tempo di dar vita al fiore prima e al frutto poi.

Così è pure di tutte le cose umane. E così — diversamente non potrebbe essere — è dell'anarchia: l'anarchia verrà quando invece di tanti poltroni che vi chiedono idioticamente «quando l'anarchia verrà» vi saranno tanti uomini audaci e sinceri che lotteranno incuranti di pericoli e di sacrifici — per la sua realizzazione.

Non vi è compenso giusto senza fatica. I compensi ingiusti non possono scaturire che dal privilegio, ed il privilegio è la negazione dell'anarchia.

Non bisogna dunque correre dietro al privilegio, né sperare di ottenere senza far nulla quello che solo la pena e il sacrificio possono far nascere per vedere realizzarsi l'anarchia: prima perchè il privilegio può solo sostenersi in danno dei più e in beneficio dei pochi, ciò che esclude l'uguaglianza sociale stabilita idealisticamente dall'anarchismo; secondo perchè quello che spera di raggiungere un bene senza sacrificarsi e penare per ottenerlo non è che un aspirante al parassitismo che sarà un buonissimo sgobbone per servire e arricchire dei padroni, ma un cattivo verso se stesso, incapace di far la minima cosa in beneficio proprio e dell'ideale di giustizia che pretende erroneamente di amare.

L'anarchia verrà quando ci saranno meno poltroni che sperano nel frutto di un lavoro che non fanno, al quale conseguentemente non hanno nessun diritto ragionevole di pretendere, e al posto di tutti questi poltroni vi saranno degli uomini capaci di ribellarsi contro il privilegio e di combattere fino alla totale estinzione di tutte le dominazioni.

ACRATIBIS.

Definizioni dell'anarchia

L'Anarchia è una teoria sociale che considera l'unione dell'ordine con l'assenza di qualsiasi governo diretto dell'uomo sull'uomo. Come ideale politico essa vuol dire: libertà individuale dell'uomo.

Dal Century Directory.

Anarchia significa un nuovo ordinamento sociale; e chiunque conosce la vita umana, e ha il coraggio di respingere ramendi e palliativi, per principiare l'opera di nuovo, prendendo la conclusione della evoluzione del passato, deve giungere a convincersi che questo nuovo ordine può crearsi. Il nostro principio è evitar qualsiasi comando sull'uomo, acciocchè lo stato, le leggi, o qualunque forma di coercizione siano cose del passato, per instabile la completa libertà. Anarchia significa l'emancipazione umana da qualsiasi governo.

G. Most.

L'anarchia è una concezione dell'universo basata su una interpretazione «meccanica» dei fenomeni che abbracciano tutta la natura, compreso in essa la vastità delle società umane ed i suoi problemi economici politici e morali.

Il suo metodo è quello delle scienze naturali, e qualunque conclusione scientifica deve essere comprovata mediante questo metodo. La sua tenenza è di fondare una filosofia sistematica che comprenda tutti i fatti della natura — la vita della società inclusa — senza cadere, senza dubbio, negli errori che commisero il Comte e Spencer per le indicate ragioni.

E' evidente che per questa cosa stessa l'anarchia deve dare necessariamente, a tutte i problemi formulati dalla vita moderna, altre risposte e assumere un'altra attitudine, distinta da quella di tutti i partiti politici, e pure, fino ad un certo punto, di quella dei partiti socialisti che non si sono distaccati dalle rancide finzioni metafisiche.

P. Kropotkine.

Ricerca

La signora Pedrazzoli Adelaide fa ricerca di Lotti Natale, residente in S. Paolo, per trattare di affari riguardanti suo nipote residente in Italia, figlio di sua sorella Lotti Ersilia.

Chi ne avesse notizia è pregato di scrivere a Pedrazzoli Adelaide in São Lourenço do Turvo.

A todos os grupos ou centros libertarios

O Centro de Estudos Sociais, do Rio, pede que lhe sejam enviados endereço de todos os grupos ou centros libertarios.

A correspondencia para este centro deve ser dirigida á Caixa Postal 1427.

Progresso do Ideal

EM SANTOS

Com prazer recebemos a noticia de terem varios camaradas e esforçados lutadores pela Anarquia, reconstituído o «Grupo Anarquista Renovçãos»; o qual se dedicará a propagar os sublimes principios libertarios, folhetos, por meio de conferencias, etc.

Este grupo deliberou reunir se todas as terças feiras, no local onde se tem reunido até agora, até encontrar local apropriado para a sua sede social.

Para estar em relações directas com os grupos de outras localidades este grupo pede que lhe sejam enviadas as suas respectivas direções, como tambem a correspondencia á, rua Amador Bueno 49.

Avisos administrativos

Para evitar pérca de tempo e desvio de correspondencia, pedimos que nos seja enviada toda a correspondencia para caixa do correio 134.

Os assinantes de RINÇÃO que não foram encontrados pelo nosso cobrador pedimos que façam o pagamento da sua assinatura a companheiro:

ANGELO BANZI.

Os assinantes de SANTOS que ainda não pagaram as suas assinaturas, pedimos que o façam, sem perca de tempo, ao camarada Henrique Mendes, rua Amador Bueno, 249.

Aos assinante do Rio que ha muito não pagaram as suas assinaturas da Barricata, pedimos que se ponham ao corrente com esta administração. Esta autorizada a receber assinaturas nesta capital, o camarada José Ramos, que poderá ser encontrado á rua General Camara 335, Federação Operaria. Tambem podem enviar as respectivas importancias diretamente, pelo Correio.

Festival do dia 30 de Abril

A comissão organizadora pede a todos camaradas que tem em seu poder bilhetes e dinheiro, provenientes desse festival, que façam emediata entrega, para publicar o bilhete do mesmo, no proximo número desta folha.

CORRESPONDENCIA

Curltha (Scarmagnani). — Recebi a carta. Enviamos por engano ao Oreda. Foi publicado no número 393 da «Barricata». Saúde.

Peñapolls (Molebiori). — Seguem os números transviados. Podem fazer a cobrança nessa localidade; para isso basta mostrar este aviso. Saudações.

Sorocaba (Stefanelli). — Que silencio! Não recebemos as minhas cartas? Então? O caso é urgente. Saúde.

Salto de Itú (Seipione). — O Gigi já está em pleno oceano. Os seus escritos estão guardados; ha muita falta de espaço e muitos assuntos a tratar; chegará a tua vez.

Estáte bueno.

Rio (Ramos). — Quando vem o que prometeste para o dia 10 de correntes? Recebi as tuas ultimas, com indicações. Saúde e coragem.

Itaipé (Ferdinando Careppa). — Seguiu a «Grande Revolução». Não tinhamos recebido antes nada do Maritimo.

Rio (Um sargento...). — O seu trabalho não pode sair por enquanto, porque temos muita materia de actualidade e o espaço do jornal é muito limitado. — Florentino.

S. Paulo (Lucas Massello). — Chegou tarde. Fica para o proximo número. — Florentino.

Pequena Biblioteca do GERMINAL

Evolução e Revolução

— DE —

ELIZEU RECLUS

Obra de critica e doutrina anarquista, com 150 paginas, nitidamente impressa em optimo papel e cuidadosamente traduzida pelo camarada Neno Vasco.

Em venda para beneficio do jornal, nesta administração, ao preço de 1\$500 cada exemplar.

Ideal. — Alegoria de Sacristá. . . \$300

Dichiarazione. — Etievant. . . \$300

Il Trionfo del Veró. — La corte . . . \$300

Cristo non è mai esistito. . . 1\$500

N. B.—Os pedidos devem ser dirigidos a R. Felipe, caixa 134, S. Paulo.

Expedição pelo correio franco de porte.

Numeros atrasados

Disponemos de regular quantidade de números atrasados do «Germinal» e que podem ser distribuidos gratuitamente com o fim de propaganda.

Remetemos a simples pedido, mediante um bilhete postal, franco de porte.

(1) Vedi il Salariato di Kropotkine.

